

1514

ENSINO



Publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul



OFERTA DA S.E.C.

ANO IX — N.º 65

NOVEMBRO 1959

Cr\$ 40,00



Canção de Natal

MÚSICA E LETRA DE VERA B. NUNES - OF.



Mui-to lon-ge, em Be-lém, Nu-ma gru-ta po-bre-zi-nha, Vei-o ao mun-do, cer-to



di-a, U-ma lin-da cri-an-ci-nha. Os si-ni-nhos re-pi-ca-ram Dan-do gra-ças ao Se-



nhor, Que bon-do-so, lá do céu. Nos man-dou o Sal-va-dor. Blem, blem, blem, blem, blem,



blem. — Blem, blem, blem, blem, blem, blem, — Blem, blem, blem, blem, blem, blem.

COMUNICADO N.º 7/59

ATUALIZAÇÃO DE CONCEITOS CONTIDOS NO PROGRAMA PRIMÁRIO (III)

Organizado por EDDY FLORES CABRAL — Técnico
em educação

Continuando a série de comunicados que nos propomos remeter às escolas de nosso Estado, na série "Atualização de Conceitos", estamos enviando, na oportunidade, esclarecimentos sobre a denominação do Guaíba, extenso lençol d'água que banha a capital rio-grandense.

Em face dos esclarecimentos contidos no parecer anexo, fornecidos por elementos de conhecido mérito científico, encarecemos aos nossos professores a necessidade de serem revisados os conhecimentos aqui estudados, nos livros didáticos ou em outras obras que constem de bibliografias mais antigas, desde que contenham noções que colidam com as aqui expendidas.

Não deve o professor chamar a atenção do aluno para o erro do livro. Seria desvantajoso que se desperdasse no aluno um sentimento de desconfiança para com a letra impressa.

Então, de maneira construtiva, dar-se-á a noção de que os conhecimentos geográficos estão em constante evolução e que o livro apenas está desatualizado. O próprio aluno será levado a pesquisar sobre os conteúdos e a organizar, ele mesmo, o texto que deve substituir os prejudicados, no próprio livro.

DENOMINAÇÃO DE GUAÍBA

Parecer: Comissão de professores especializados, designados pela XIII Assembléia da Associação dos Geógrafos Brasileiros: Professores Jean Demangeot, Aziz Ab'Saber, Jorge Chebataroff, Michel Tabuteau, Gilberto Osório de Andrade, Elina O. dos Santos e Hans A. Thofehrn.
Escola Primária: 2.º e 3.º anos.
Escola Normal: Divisão de Estudos Sociais.

"O Diretório Regional de Geografia do Rio Grande do Sul, tendo em vista as múltiplas consultas que lhe têm sido dirigidas a respeito da correta denominação da extensão de águas fronteiras à cidade de Porto Alegre, que medeia entre os rios Jacuí, Caí, Sinos, Gravataí e a laguna "Lagoa dos Patos" erroneamente chamada "RIO" Guaíba deliberou consultar a XIII Assembléia da AGB, sobre a correta designação daquele acidente hidrográfico.

O professor Dr. Ary França designou os professores especializados Jean Demangeot, Aziz A'Saber, Jorge Chebataroff, Michel Tabuteau, Gilberto Osório de Andrade, Elina O. dos Santos e Hans Thofehrn, para debater a questão em seminário. Em face dos debates, chegou-se às seguintes preliminares:

a) Situar o problema no campo da Geomorfologia (Prof. Demangeot) e no da Ecologia Marinha (Prof. Chebataroff).

b) Em virtude da maioria dos seminaristas não terem feito estudos sistemáticos na região em aprêço, ficou assentado formular apenas opiniões em caráter preliminar.

c) Embora a verdadeira natureza geográfica do aci-

dente em tela somente pudesse resultar de pesquisas positivas, é possível estatuir, como preliminar, o que não é.

d) Concordar que o "GUAÍBA" não reúne as condições físicas de Rio, tal como a diferença entre nível de origem e de base, desenvolvimento linear e perfil, regime e débito próprio, ação cíclica, etc.

e) A existência de um grupo de ilhas na confluência, em padrão centrípodo, dos rios Jacuí, com o Caí, Sinos e Gravataí não é característico de DELTA. Um DELTA é a deposição de transporte mecânico de um rio na sua entrada numa grande extensão de águas, tal como oceano, mar ou lago, em consequência de redução local na correnteza, causando, assim, o avanço progressivo da foz para dentro da grande extensão de águas na qual escoa. O DELTA é a parte acrescentada à foz primitiva (Mississipi, Nilo, HoangHo). Não é essencial a divisão do rio em canais, formando ilhas no escoadouro (Rhone, Llobregat) — (Consultar M. Derreau, Pritchard, Holmes, Beringer-Murawski).

f) O GUAÍBA não tem, atualmente, características de estuário. Derreau define simplesmente: Estuário é a parte de um rio onde a maré se faz sentir. Pritchard, em "Marine Ecology", caracteriza o estuário levando em consideração os fenômenos da convenção diferenciada de água salgada em contato com a água doce. Esse fenômeno não se processa na entrada do Guaíba, na laguna "Lagoa dos Patos".

g) Examinar as teorias dos professores Chebataroff e Thofehrn. Segundo o professor Chebataroff, a extensa penplanície e fluvial do Jacuí não poderia ser obra só daquele rio. Os setores argentinos e a diminuta diferença de nível do ponto mais elevado da "Depressão Central", fazem supor que o rio PARANÁ teve seu curso primitivo pela "Depressão", servindo-lhe o atual curso dos rios Ibicuí-Jacuí por leito. Um arqueamento posterior separou o rio em Jacuí, Ibicuí e Paraná atual.

O professor Thofehrn admite que o rio Jacuí tenha desaguado diretamente no mar (então mais próximo), pelo curso do atual rio Gravataí. O movimento que causou a falha costeira, observada de Tôres (Prof. Aziz Ab'Saber e Patrick Delany) até Chuí, resultou numa cripto-depressão no local do atual Guaíba, desviando o curso do Jacuí, reencaixando-o como afluente com o nome atual de Gravataí. São invocados como favorável àquela teoria: o caráter centrípodo da drenagem, constituídos pelos rios Caí, Sinos e Gravataí, a largura e morfologia da várzea daquele último, e a direção nitidamente inversa dos afluentes do Gravataí. A modificação do então estuário foi responsável pela formação da atual restinga.

h) Recomendar que seja usado, nas cartas geográficas e livros de texto, até melhor juízo, simplesmente a designação GUAÍBA, sem prefixo de especificação, uma vez que a etimologia da própria palavra, que provém do idioma Tupi, quer dizer, no parecer de alguns autores, "na baía".

COMUNICADO N.º 14/59

CAMPANHA ESCOLAR EM PRÓL DA FORMAÇÃO E FORTALECIMENTO DE UMA OPINIÃO PÚBLICA A FAVOR DA MUDANÇA DA CAPITAL PARA BRASÍLIA

Organizado por EDDY FLORES CABRAL, Técnico em
Educação

A campanha a ser desenvolvida dentro e fora da Escola, alcançando mesmo a comunidade, deverá se desenvolver dentro de um clima de sadio e elevado patriotismo e amor ao Brasil, não deixando, absolutamente, margem a interpretações ou direção de natureza político-partidária.

O B J E T I V O S

Essa campanha, na escola deve ter os seguintes objetivos:

— esclarecer e mobilizar a opinião dos alunos e, através do Círculo de Pais e Mestres das famílias e da Comunidade, com demonstrações da extrema necessidade da mudança da Capital, como uma das medidas de salvação nacional;

— realçar as vantagens gerais para todo o país e para a cidade do Rio de Janeiro, em especial, que adviriam dessa transferência;

— propiciar maior conhecimento dos aspectos históricos, sociais e geográficos do futuro Distrito Federal.

Conteúdos de Aprendizagem:

Os conteúdos especiais aqui sugeridos, poderão ser desenvolvidos em íntima correlação com os conteúdos no programa primário vigente, ou como enriquecimento dos assuntos que nêles figuram:

Estudo do Planalto Central Brasileiro em seus múltiplos aspectos.

Estudo dos aspectos físicos da região geográfica em que está situada a nova Capital.

A História de Goiás (Índigenas. Pe. Antônio Vieira. Bandeirantes e as Riquezas Minerais. Bartolomeu Bueno da Silva. História moderna e contemporânea da região, dando relevo especial ao fato da mudança da antiga Capital de Goiás para Goiânia).

Desenvolvimento da idéia de interiorização de nossa Capital, na História do Brasil.

Estudos de diversas capitais do mundo que sofreram mudança de sede.

Sugestões de Atividades

Recortar e juntar fotografias, artigos, referências e notícias, sobre a nova Capital.

Confeccionar cartazes com esclarecimentos ou frases alusivas a Brasília.

Organizar exposição com vistas da nova cidade, bem como fotografias aéreas, gravuras, mapas e roteiros, retratos de grandes homens, etc.

Enviar correspondência solicitando material impresso que sirva ao desenvolvimento dos conteúdos.

Ornamentar a sala de aula com material alusivo. Pesquisar nas Bibliotecas. Coletar selos comemorativos acerca do assunto. Usar mapas mudos para representação e exercícios. Organizar quadros cronológicos. Estudar a vida de personalidades que, pela sua atuação promoveram e dinamizaram a construção da nova Capital.

Escrever listas, coletar vistas e fotografias das capitais do mundo que foram mudadas.

Organizar quadros ou gráficos sobre a distribuição das tribos indígenas da região, ao tempo do descobrimento do Brasil e atualmente.

Usar não só mapas gerais mas, também, especiais (relevo, hidrografia, clima, vegetação, comunicações, etc.), para que haja unidade no estudo da região e possibilidade do aluno ter uma idéia mais real do conjunto que

forma, verdadeiramente, essas paisagens brasileiras.

Descobrir e usar como auxiliar da aprendizagem, prosa, poemas, lendas, brinquedos, diversões e jogos, que tenham relação com os conteúdos.

Comentar, debater e acompanhar os acontecimentos correntes em Brasília.

Colecionar ou expor objetos autênticos, confeccionados pelos nossos atuais indígenas.

Ler e comentar os aspectos mais significativos dos diversos materiais publicados sobre o assunto.

Modelar em massa plástica e organizar maquetes ou paisagens no tabuleiro de areia, reproduzindo aspectos geográficos de Brasília.

Compor frases ou períodos para figurarem nos cartazes, etc.

Época e Duração da Campanha:

Parece-nos oportuno realizar essa campanha após as férias de inverno.

A duração do trabalho poderá variar, dependendo do interesse da classe pelo assunto.

ANEXO N.º 1 — (Comunicado N.º 14)

TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL DA REPÚBLICA PARA O ESTADO DE GOIÁS

A escolha do local para a nova Capital brasileira, feita após acurados estudos realizados pela Comissão de Localização da nova Capital, presidida pelo eminente brasileiro Mal. José Pessoa Cavalcanti, recaiu no Planalto Central, em território do Estado de Goiás, unidade central do País.

Vantagens Gerais para o País

A — Sabemos que o perigo de guerra não pode ser definitivamente afastado, apesar dos esforços das Nações em busca de uma fórmula para o estabelecimento da paz universal, assim como sabemos também que, em caso de invasão, o primeiro e mais importante objetivo de ataque é sempre a Capital do país.

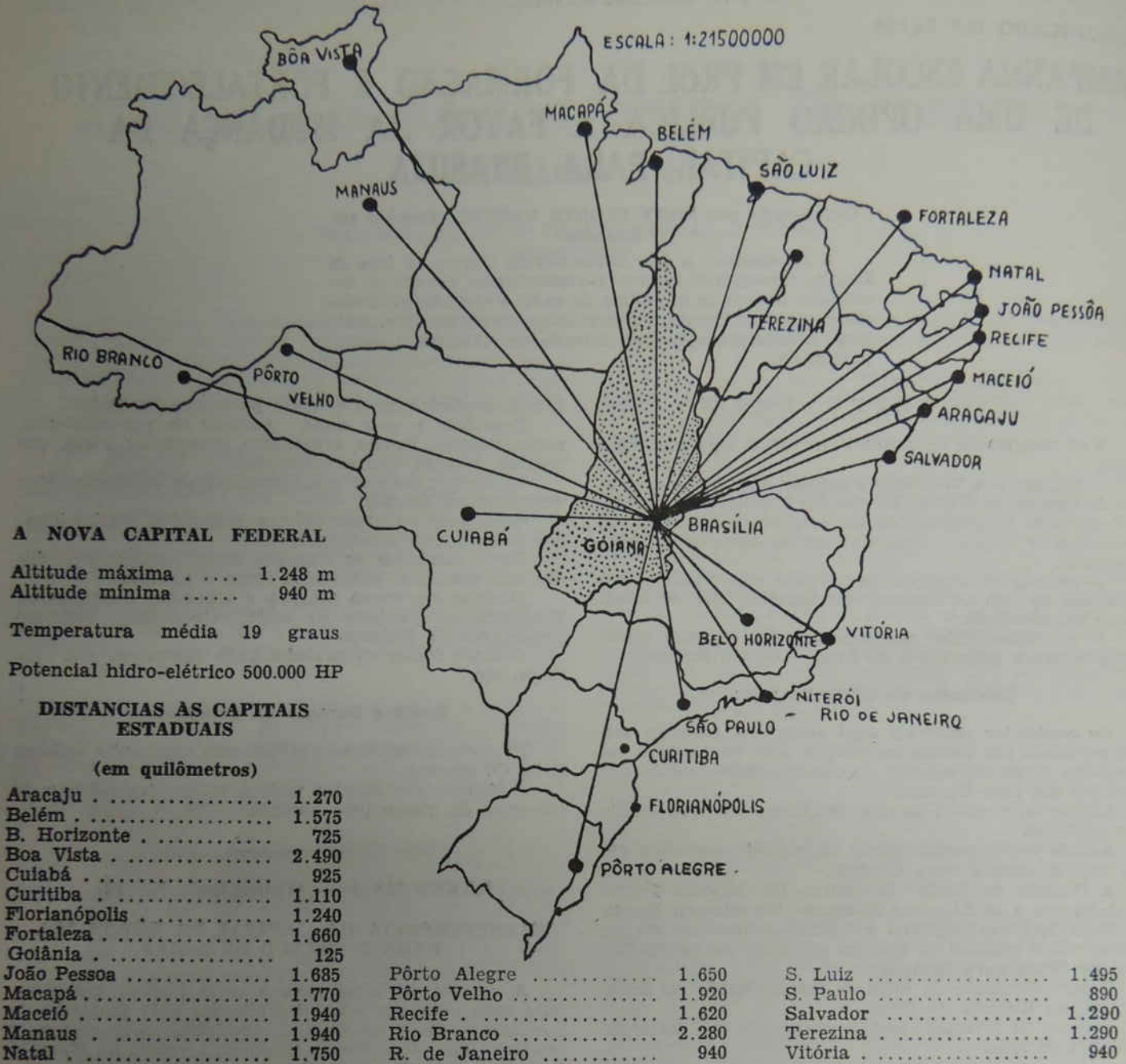
A verdade é que a interiorização da Capital constitui o principal fator de SEGURANÇA NACIONAL, sobretudo num país cujo território mede mais de oito milhões de quilômetros quadrados.

B — É princípio e norma de administração, de comprovado e indiscutível acerto, que toda Chefia deve localizar-se em ponto equidistante dos diversos pontos onde se situem os setores de trabalho.

Instalado no centro, o Governo Federal poderá, indiscutivelmente, atender melhor às necessidades gerais da comunidade nacional, em todos os quadrantes do País:

(VER MAPA ANEXO)

A irradiação do progresso se faz do centro para a periferia



C. Ademais, sabemos como os problemas locais do Rio de Janeiro, inclusive os de ordem político-social, dia a dia mais sérios e mais graves, absorvem inteiramente as atenções e os recursos do Governo da República.

A mudança da Capital para o interior, onde não há nenhum daqueles problemas, permitirá que a Administração Federal se volte a ocupar dos problemas nacionais.

D. O mais sério problema do Brasil é o despovoamento de seu interior, enquanto que o problema mais grave do Rio de Janeiro é o super-povoamento.

A instalação da Capital Federal no centro do País promoverá o imediato deslocamento de grandes correntes humanas do litoral para o interior, inclusive parte da população do Rio de Janeiro, proporcionando assim, a mudança do Distrito Federal, a solução imediata daqueles dois problemas.

A interiorização da capital brasileira propiciará a ocupação efetiva de imensas áreas de baixa densidade demográfica. A realização de Brasília, ato indispensável na atual etapa do desenvolvimento brasileiro, será o ponto de apoio para que sejam ocupados efetivamente os 73% do território nacional, nos quais a nossa presença é apenas simbólica.

E. Um dos primeiros e mais importantes benefícios que a mudança da Capital trará, por imperativo das pró-

prias necessidades do Governo, será a construção de ferrovias e rodovias destinadas a ligar, em todas as direções, o Distrito Federal às fronteiras do País. Com isso obter-se-á, de pronto, o aumento da produção, cujo maior entrave é a falta de transporte rápido e barato, que venha facilitar a circulação da riqueza, ao que se seguirá, forçosamente, o barateamento da vida.

Vantagens especiais para o Rio de Janeiro

A. A concentração demográfica é inevitável em toda a Capital, onde se reúne maior número de funcionários públicos, os membros do Poder Legislativo, o pessoal das Embaixadas e ainda o elevado número de pessoas que, em média permanente, vem dos mais diversos pontos do país, para tratar de seus interesses junto aos órgãos do Governo.

Essa concentração numa cidade como o Rio de Janeiro, que é, também, um dos mais procurados centros turísticos da América Latina e um dos principais portos do País, teria fatalmente que causar como causou, o denso congestionamento humano que é responsável por todos os males da antiga "Cidade Maravilhosa".

Assim, só a transferência da Capital da República para outro local, poderá eliminar os angustiantes proble-

mas em que se debate a sofredora população carioca, sobretudo os relativos ao transporte urbano, habitação, alimentação e suprimento de água e energia elétrica.

B. A evacuação que se há de verificar, na maior parte de pessoas integrantes do funcionalismo público, não prejudicará a vida mundana nem o movimento comercial da cidade, pois irá retirar-se, apenas, o que hoje constitui excesso.

Rio de Janeiro continuará sendo um dos principais portos do País.

O seu movimento turístico ficará assegurado pelos encantos incomparáveis de sua natureza, e se intensificará, sensivelmente, ante as facilidades gerais que a mudança deve trazer à vida carioca.

C. Poderá também o atual Distrito Federal, converter-se em um grande centro cinematográfico, quer se tornando o local preferido para os Festivais de Cinema, quer através da intensificação de sua indústria de filmes, para o que satisfaz a tôdas as condições, a começar pelos seus maravilhosos cenários naturais.

D. Só assim, com a mudança da Capital e as vantagens locais dela decorrentes, poderá o Rio de Janeiro voltar a ser a tão decantada e saudosa "Cidade Maravilhosa".

DESENVOLVIMENTO DA IDÉIA DA INTERIORIZAÇÃO DA CAPITAL BRASILEIRA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

A idéia da interiorização da Capital brasileira parece já ter sido aventada durante a Rebelião de Vila Rica, pelos Inconfidentes.

1808 — Manifestação de Hipólito da Costa no "Correio Brasiliense".

1810 — O Conselheiro Veloso de Oliveira apresenta a D. João, então Príncipe-Regente, uma memória onde tratava da mudança da Capital.

Outubro de 1821 — Deputados às Côrtes de Lisboa discutiram o mesmo assunto. Entre eles: José Bonifácio de Andrada e Silva, Hipólito José da Costa e Nicolau Campos Vergueiro.

1822 — Publicação, em Lisboa, de um "Aditamento ao Projeto de Constituição para fazê-la aplicável ao Brasil".

Junho de 1823 — José Bonifácio apresentou trabalho referente à transferência da Capital para Goiás, sugerindo que se lhe dê o nome de Brasília.

O ilustre historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Pôrto Seguro, ocupou-se por anos a fio com o problema da interiorização da Capital brasileira. Em 1839, enviou uma carta, a respeito, ao Instituto Histórico do Rio de Janeiro e em 1849 publicava em Madrid, um folheto sobre o assunto.

Junho 1853 — Projeto de lei do Senador Holanda Cavalcanti, visando levar a Capital para o interior.

1889 — Reunida a Assembléa Constituinte, após a Proclamação da República, deliberaram, seus membros, a transferência da Capital para o interior do país.

1891 — Artigo 3.º da Constituição Republicana é referente ao assunto.

1892 — O Mal. Floriano Peixoto encarregou o Dr. Luís Cruls, então Diretor do Observatório Astronômico, de realizar uma expedição ao Planalto Central, chefiando uma comissão que deveria demarcar a área da futura Capital.

1934 — A Constituição Brasileira de 1934 conservou no seu texto o dispositivo da mudança da sede do Governo da União.

1946 — A Constituição Federal de 1946 adotou, também, o mesmo dispositivo.

O Presidente Eurico Gaspar Dutra nomeou uma comissão encarregada dos estudos para a localização da nova Capital. Lei de Janeiro de 1953. — No Governo do Presidente Getúlio Vargas, foram determinadas novas providências.

Durante a gestão do Presidente Café Filho foi escolhido, definitivamente, o local onde deveria ser edificada a futura Capital.

30 de abril de 1955 — Desapropriação da área da futura Capital do Brasil.

Janeiro de 1956 — O Presidente Juscelino Kubitschek incluiu, entre as metas de sua administração, a construção de Brasília.

Lei 2874, de 19/9/1956 — Dispõe sobre a mudança da

Capital Federal e cria a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

O arquiteto Lúcio Costa foi classificado como vencedor no concurso para o Plano-Piloto da Nova Capital, ora em construção e dinâmico desenvolvimento.

Daí começou a verdadeira construção de Brasília: escritórios e oficinas da NOVACAP, palácio provisório, usinas, ruas, estradas, aeroporto internacional, hospitais, residências dos funcionários, hotéis, catedral, escolas, etc.

3 de maio de 1957 — Dom Carmelo de Vasconcelos Mota rezou a primeira missa em Brasília.

1.º de outubro de 1957 — O Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira sanciona a lei que fixa 21 de abril de 1960 a mudança da Capital da República para Brasília.

1.º de junho de 1958 — Inauguração solene do Hotel de Turismo e do Palácio da Alvorada, em cuja Capela foi rezada missa.

Falando à mocidade da nossa terra, assim se expressou o Presidente:

"Se vos posso fazer um apêlo, "mudancista", como vós mesmos vos intitulaís; se algo posso desejar de vós, concito-vos a que sejais ambiciosos, a que tenhais orgulho de vossa ambição, sacratíssima, nobilíssima e assás justa ambição de promover a grandeza do Brasil através do desbravamento do seu interior. Não me pejo de pedir-vos ajuda. Presidente da República, solicito o apêlo da vossa energia, de vossa esperança, de vossa capacidade de sentir e compreender esta Nação. Divulgaí, explicaí, comunicaí a todo o País o que desejamos fazer, o que faremos. Sacudí esta Nação com a vossa fé e, a mim mesmo, auxiliaí-me a suportar esta luta que será tão mais violenta, quanto mais, nos negativos e descrentes, se fôr tornando claro o entendimento de que não estamos falando em vão".

Do discurso do Presidente Kubitschek, quando da inauguração do Palácio da Alvorada:

"Não podemos continuar indefinidamente a ser um território manchado de desertos, com uma população na sua maior parte colada ao litoral, com as mais ricas zonas do nosso território abandonadas e que servem apenas para referências literárias".

"É Brasília, um dos pontos básicos dessa luta de integrar o Brasil no seu território, de fortalecer a Nação. Brasília não resulta apenas da obrigação de obedecer a um preceito constitucional: é um marco, é a bandeira de luta contra o subdesenvolvimento. E é mais que isso: é a conquista do que tem sido nosso, apenas no mapa".

MUITOS PAÍSES TIVERAM SUAS "NOVAS" CAPITAIS...

A Capital de um país, como bem o frisou o Presidente Juscelino, é o cérebro da Nação. Nela está o centro diretor da vida econômica e política, o posto de comando que irradia, a todos os membros da União, o impulso criador de suas riquezas materiais e culturais. A Capital é o reduto das instituições da Nação, patrimônio sagrado herdado dos maiores, amalhado com grandes sacrifícios. É o símbolo da Pátria. Muitas vêzes, no decorrer da História da Humanidade, e por circunstâncias várias, foi a Capital de um povo transferida para outro sítio; umas vêzes, devido à posição geográfica que a tornava vulnerável aos ataques do inimigo; outras, por necessidade do comércio, do intercâmbio com Nações estrangeiras; outras ainda, por injunções políticas, para facilitar-lhe o sossêgo indispensável às atividades de um bom Governo.

E assim se tornaram as Capitais dos seus respectivos países, no decorrer dos séculos, as cidades de Nova Delhi, Constantinopla, São Petersburgo, Madrid, Quloto, Washington, Pretória, Ottawa, Ancara, Camberra, Pequim".

(Da revista "Epopéa" — Brasília, coração do Brasil).

BIBLIOGRAFIA

Brasília — Inspetoria Regional de Estatística Municipal de Goiás. I. B. G.; — E. Rio de Janeiro.

Brasília e a opinião mundial — I — Serviço de Documentação da Presidência da República — 1958.

Brasília e a opinião mundial — II — Idem — 1959.

A localização da nova capital — Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Martins, Jayme — Tia Margarida vai a Brasília. Rio de Janeiro, Edições Burtiti.

MOTA, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos — Brasília, Terra de Fé. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1957.

REVISTAS

Brasília, n.ºs 1 a 18. Rio de Janeiro.

Brasília, coração do Brasil, Rio de Janeiro, Editora Brasil-América, Janeiro 1959 (Revista Epopéa").

Módulo, n.ºs 8, 9, 10, 11 e 12. Rio de Janeiro.

Revista Shell, São Paulo, Shell Brazil Limited, n.º 79, abril-junho 1957.

Três Américas. Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre, VARIG, n.º 10, 1958.

NOTA: Muitas revistas nacionais e estrangeiras tratam do assunto. Tão grande é a relação, que deixamos a escolha a critério do professor.

Para obtenção de publicações relacionadas com a Nova Capital do Brasil, informamos que o endereço é o seguinte:

DR. NONATO SILVA,

Divisão de Divulgação da NOVACAP,
Cia. Urbanizadora da Nova Capital do Brasil,
Av. Almirante Barroso, 54 — 18.º andar.
Rio de Janeiro.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS.

COMUNICADO N.º 12

ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES NOS CURSOS SUPLETIVOS DO ESTADO

NOTA: Ao Coordenador do Curso Supletivo, a direção do C.P.O.E. recomenda a observância das instruções que seguem, relativas à organização das classes no início do período letivo do ano em curso.

I. Seriação das classes:

De acordo com as "Instruções para organização e funcionamento dos Cursos Supletivos no Estado", contidas no Comunicado n.º 11 de 29/5/59, publicado no n.º 64 desta revista, a assistência educativa de grau primário, aos adolescentes e adultos que, em tempo próprio, não receberam assistência escolar, processar-se-á em três séries sucessivas:

1. A primeira série proporcionará a comunicação das técnicas fundamentais da cultura: leitura, escrita, rudimentos de cálculo e outros conhecimentos úteis.
2. As duas séries subsequentes suplementarão a educação recebida na escola primária ou na primeira série.

Não se justifica, portanto, nos cursos supletivos, uma seriação idêntica à adotada na escola primária: nos estabelecimentos de ensino para adolescentes e adultos deverão funcionar, exclusivamente, a 1.ª, 2.ª e 3.ª séries.

3. No caso da unidade escolar possuir recursos, poderá oferecer um curso de admissão, com a duração de um período letivo, orientando-se o desenvolvimento das atividades pelo programa oficial de admissão aos ginásios.

II — Número de turmas:

O número de turmas será fixado pelo coordenador de acordo com as possibilidades materiais do estabelecimento e com o número de professores designados para lecionar no curso.

A lotação máxima aconselhada para cada classe será de trinta alunos e a mínima de quinze, sendo que na zona rural a lotação mínima será 10 alunos.

Se no decorrer do ano letivo, com o afastamento de um grande número de alunos, a matrícula se tornar inferior a esses mínimos, a coordenadora determinará a realização de uma prova para avaliar o adiantamento individual. Após esse trabalho, os alunos serão distribuídos pelas classes paralelas, segundo o nível de conhecimentos que tiverem demonstrado na prova realizada.

III — Constituição das classes:

Entre os problemas de organização escolar que reclama solução imediata e conveniente, no início do ano letivo, destaca-se o da constituição das classes.

A — Primeira série

Sendo a alfabetização o problema preliminar e fundamental do movimento de educação de adolescentes e

adultos, a distribuição dos alunos na primeira série, se fará, tendo em vista maior rendimento da aprendizagem e atendendo às atuais condições de funcionamento de nossos cursos supletivos, do seguinte modo:

Com os alunos de primeira série serão formados três grupos:

Grupo Forte — Será formado com os alunos quase alfabetizados e constituirá a classe mais forte desse nível, na escola.

Grupo médio — Formado de alunos novos ou repetentes que já dominaram parte das técnicas fundamentais da leitura e da escrita.

Considerar-se-ão alunos novos, os matriculados pela primeira vez; não serão considerados novos, para efeito desta classificação, os alunos que já tiverem frequentado a primeira série de outros estabelecimentos de ensino.

Grupo inferior — Composto de alunos novos analfabetos e daqueles que tendo frequentado a primeira série em anos passados, não venceram sequer as dificuldades iniciais da aprendizagem da leitura e da escrita.

Após a formação destes três grupos, proceder-se-á à constituição das classes, que deverá obedecer às seguintes normas:

1. As turmas que iniciam a aprendizagem (grupo inferior) serão compostas de número mais reduzido de alunos. Sempre que for possível e necessário, a coordenadora deverá considerar a idade dos alunos, na constituição das classes.

2. Quando o número de alunos, nas condições mencionadas nos grupos médio e forte, não for suficiente para constituir uma turma, poderão eles ser reunidos, formando uma única classe.

3. Quando um grande número de alunos tiver sido classificado num determinado grupo, de forma a preencher o efetivo para duas classes, estas deverão ser constituídas em separado. O critério subsidiário poderá, então, ser a idade cronológica ou o aproveitamento em matemática, ou ambos.

4. Designar-se-ão as classes da seguinte maneira: 1.ª série A1, de nível superior ao de 1.ª série A2 e assim sucessivamente.

O algarismo, ao lado da letra maiúscula A, indicará o decréscimo progressivo do nível de conhecimentos da classe.

Com exceção dos alunos recém iniciados nas técnicas fundamentais da leitura e da escrita, os demais deverão prosseguir na aprendizagem, a partir do nível de aproveitamento que apresentarem; nunca se deve exigir do aluno adulto práticas e estudos desnecessários, pelo fato de já estarem suficientemente dominados.

B — Segunda e terceira séries

Sempre que o candidato à matrícula nestas séries não possuir nenhum certificado que forneça elementos para sua classificação, será considerado aluno novo e terá de ser submetido a uma prova do mesmo tipo e nível das organizadas e aplicadas no fim do ano.

Essa prova será aplicada, em conjunto, a todos os alunos que estiverem em idênticas condições, na primeira quinzena de trabalho, e, individualmente, no decorrer do ano letivo, sempre que se apresente à matrícula um novo candidato.

Considerando certas características psicológicas do adolescente e do adulto recém-alfabetizados ou de escassa cultura, não é aconselhável ressaltar os resultados dessa prova, quando estes não forem satisfatórios, razão pela qual deve ela ser apresentada como um exercício comum ou como revisão dos conhecimentos adquiridos.

As turmas, constituídas de alunos novos e promovidos, serão organizadas, atendendo às notas de promoção obtidas em Língua e às obtidas na mesma matéria na prova de classificação a que acima nos referimos.

Quando o número de alunos exigir a constituição de duas ou mais turmas, em cada uma destas duas séries poderá ser adotado, como critério subsidiário, um dos seguintes: idade ou aproveitamento em matemática, ou ainda, ambos.

Designar-se-ão as classes da seguinte maneira:

para a segunda série: 2.^a série A1 (de nível superior), 2.^a série A2, A3 e assim sucessivamente;

para a terceira série: 2.^a série B1 (de nível superior), 2.^a série B2, B3 e assim sucessivamente.

O algarismo, ao lado das letras maiúsculas A e B, significa o decréscimo progressivo do nível de conhecimento da classe.

Sempre que houver constituição de mais de uma classe paralela, o número de alunos da que apresentar rendimento inferior, deverá ser menor que o número de alunos das demais classes.

EXEMPLOS:

Exemplo n.º 1: (Critério: aproveitamento escolar)

2.^a série A1 — constituída de 28 alunos com média superior a 68.

2.^a série A2 — constituída de 24 alunos com notas de 50 a 67.

Exemplo n.º 2: (critério: idade cronológica).

2.^a série A1 — formada com 23 alunos idades estão entre 14 e 18 anos.

2.^a série A2 — formada com 26 alunos de mais de 18 anos.

Exemplo n.º 3: (Critério: idade e aproveitamento escolar).

2.^a série B1 (3.^a série) — Constituída de 22 alunos cuja idades variam de 14 a 18 anos.

2.^a série B2 (3.^a série) — Constituída de 25 alunos adultos cujas médias foram superiores a 65.

2.^a série B3 (3.^a série) — Constituída de 20 adultos cujas médias foram inferiores a 65.

C — Curso de Admissão

No caso da unidade escolar possuir recursos poderá oferecer um curso de admissão, com a duração de um período letivo, orientando-se o desenvolvimento das atividades pelo programa oficial de admissão aos ginásios.

Poderão ser constituídas quantas turmas forem necessárias, atentando-se para as mesmas disposições já expressas com relação às turmas de segunda e terceira séries.

Estas classes deverão ser anotadas nos Boletins a serem enviados para a Secretaria de Educação e Cultura, da seguinte maneira:

2.^a série C1 — à classe de admissão de nível superior; 2.^a série C2, C3, C4 e assim sucessivamente, às classes de níveis imediatamente inferiores.

IV — Disposições finais:

Em qualquer época do ano, tendo vencido as dificuldades de determinada série, o aluno poderá ser promovido à classe imediatamente superior após se ter submetido a uma prova, organizada na escola, dentro dos mínimos de conhecimentos exigidos na série que cursou.

Em qualquer série, quando o número de alunos justificar, apenas, a constituição de uma turma, terá de se incluir todos os alunos de idade e níveis de aproveitamento diversos; nesse caso, se aconselha ao professor da classe a formação de grupos mais ou menos homogêneos, para efeito de orientação das atividades didáticas.

V — Observações:

No caso de já estarem as classes constituídas, cuidará a Coordenadora da escola que se ajustem as aulas às condições aqui sugeridas, de maneira equilibrada, a fim de evitar grande movimento de transferência de alunos e troca de professores que venham prejudicar a normalidade dos trabalhos e criar desajustamentos.

IV CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES PRIMÁRIOS

Chega-nos ao conhecimento, através da imprensa do país, a realização, de 17 a 24 de janeiro do próximo ano, em Recife, Pernambuco, do IV Congresso Nacional de Professores Primários.

Esta Revista, embora até a presente data sem comunicação oficial da realização do referido conclave, associa-se com entusiasmo às vibrações de ideal que envolvem tal iniciativa.

Organizado pelo Centro do Professorado Primário de Pernambuco, o IV Congresso Nacional de Professores Primários, por certo, ensinará, como já o foi feito em Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre, os estudos e debates elevados e entusiásticos dos assuntos relacionados com a Educação em geral e a criança e o professor em particular.

O temário oficial do conclave é o seguinte:

I — A escola. A comunidade. A criança; II — A matemática na escola primária; III — A criança e a educação integral. Foram também estabelecidos os seguintes temas para grupos de estudos: I — A influência do belo na escola primária; II — O problema da iniciação na leitura; III — A linguagem e a sua importância na escola primária; IV — As ciências físicas e naturais na escola primária; V — As ciências sociais na escola primária; VI — A promoção na escola primária; VII — Formação e atualização do professor primário; VIII — A carreira do professor primário.

Os pedidos de inscrição deverão ser dirigidos à Secretaria do Congresso, Rua da Matriz, 77, Boa Vista, Recife, até o dia 30 de outubro próximo, a fim de que possam ser reservadas acomodações para os congressistas e seus familiares, correndo as despesas da estada por conta dos interessados.

Juracy C. Marques

Entrevistada por Corália R. Porto
Foto de Sebastião Machado



Juracy C. Marques, a nossa entrevistada, é elemento destacado da nova geração de estudiosos de Psicologia.

Aos dotes intelectuais que lhe sobram, alia os de espírito, iluminados por uma simpatia cativante. Simples no falar, ao expor seus pensamentos, Juracy Marques põe, imediatamente, seu interlocutor à vontade, o qual, mesmo sabendo dos inúmeros encargos que a asoberbam, toma-lhe as horas, preciosas demais para que possam ser jogadas com a serenidade com que ela o faz.

Cultura e dinamismo são os traços marcantes da personalidade da jovem estudiosa de Psicologia, mas, para satisfazer a curiosidade que, a essa altura, já deve estar dominando os nossos leitores, damos alguns esclarecimentos sobre a vida profissional de Juracy C. Marques:

No Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura, onde funciona, vem emprestando o vigor de sua inteligência e capacidade no setor técnico tendo publicado "Novos Rumos", para o Ensino Normal. Colabora assiduamente na REVISTA DO ENSINO, escrevendo sobre Psicologia.

É Orientadora Educacional da Escola de Enfermagem da Universidade de nosso Estado e Consultora Psicóloga da Revista Infantil "Cacique", publicação, também, da S. E. C.

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, freqüenta, atualmente, o segundo ano de Filosofia da mesma Faculdade. Leciona no Colégio Americano desta Capital, tendo já emprestado eficiente colaboração como psicologista, na Escola "Ana Jobim", do Serviço Social de Menores e na formação e aperfeiçoamento de professores do Ensino Comercial do Rio Grande do Sul.

Com uma bolsa do Consulado Americano, permaneceu nos Estados Unidos de agosto de 1958 a meados de março do corrente ano. Nessa jornada de estudos, percorreu vários e importantes lugares, como: Washington D.C. — Baltimore, Md. — Nashville, Tenn. — Atlanta, Ga. — New Orleans, La. — Phoenix, Ar. — Los Angeles, Cal. — Atlantic City, N. Y.

Em seu regresso, realizou várias conferências aqui em Porto Alegre, assim como em várias cidades do interior do Estado.

São êstes, em largos traços, os dados que nos parecem mais interessantes a destacar da personalidade de nossa colaboradora.

Inicialmente, nossa entrevistada fez questão de ressaltar que suas afirmações referiam-se, única e exclusivamente, aos lugares que visitou e, principalmente, frisar que é a sua maneira de ver, e acrescentou: "pois, é evidente que muitos podem falar ao mesmo tempo de um país e não se referir às mesmas coisas e nem nos mesmos termos."

— Das experiências vividas no decorrer dos estudos promovidos nos Estados Unidos, poderá classificar alguma como a mais significativa?

— Achamos difícil classificar uma determinada experiência como a mais significativa. Foram tantas e todas tão cheias de significações. Não obstante, considero como uma Grande Experiência o contato com educadores do mundo inteiro, associada a um dos objetivos principais do programa do qual tomamos parte, de desenvolver melhor compreensão no mundo. Tornou-se nos muito mais consciente esta noção de totalidade da raça humana, esta sensação de ser cidadão do mundo que cada dia mais, por força do progresso e do desenvolvimento dos povos, vai e irá se acentuando. Não é um sonho tão distante, como alguém possa pensar, o dia em que poderemos, com facilidade, passar um fim de semana em Nova Iorque. Este encurtamento de distância é um dos fatores que contribui, em larga escala, para a intercomunicação direta dos povos. Indiretamente, o rádio já produziu o anulamento da distância e isto, sem margem de dúvida, traz modificações em nossos modos de viver, pensar e sentir. O incremento das inter-relações diretas entre povos e culturas trará, cremos, um enorme enriquecimento para a experiência humana como um todo. Novas forças de realização social e pessoal hão de surgir daí. Os Estados Unidos lideram êste movimento inter-cultural, através de inúmeros programas que reúnem, por um dado espaço de tempo e em um determinado espaço geográfico, pes-

soas dos quatro cantos do mundo que se congregam, sem maiores tensões de resolver problemas mundiais. É crença de muitos que isto haverá de contribuir, de modo decisivo, para a paz e para a harmonia entre os povos. E nós somos dos que acreditamos entusiasmamente, nisto.

— Na personalidade do educador americano, o que mais a impressionou?

— O que mais nos impressiona no educador americano, em geral, é seu amor pela evidência, pelo fato constatado em pesquisas de validade científica. Seu espírito aberto à aceitação da realidade, ainda quando esta realidade faz com que ele tenha de abandonar suas crenças mais caras. Pudemos observar esta atitude em várias ocasiões, em locais e situações diferentes. Ficou-nos, entretanto, gravado de modo muito particular, um momento em que, em uma reunião de professores, se discutia a conveniência ou não de que o professor primário fosse do sexo feminino. Acreditávamos, pacificamente, nem sabemos bem porque, que a função de ensinar crianças deveria ser, preferentemente, função de mulher. No intervalo entre duas reuniões, conversávamos com um dos líderes. O educador americano perguntou-nos em que dados nos baseávamos para afirmar isto. Tivemos de responder, em bem da verdade, que apenas nos identificávamos com uma convicção generalizada entre nós. Mas que esta convicção era apenas uma convicção; que não tínhamos estudo sério, nem nenhuma pesquisa que pudesse corroborar com este modo de entender a questão. O professor americano disse que, há já alguns anos atrás, eles também possuíam esta visão do problema, mas que a experiência e pesquisas têm demonstrado a conveniência do professor primário homem e que, assim sendo, a antiga convicção teve de ser modificada.

Contou-nos uma das pesquisas: acompanharam a vida escolar de três turmas de estudantes durante todo o período de escola primária; uma turma foi lecionada sempre por professora, outra turma por professor durante todas as séries primárias e uma terceira, turma de controle na experiência, trocava cada ano tendo alternativamente um professor e uma professora.

Constataram, então, que a turma regida por professor apresentava, ao fim do curso primário, um desenvolvimento de personalidade muito mais de acordo com os padrões que se esperam alcançar principalmente no que se refere a desenvolvimento emocional, social e de auto-expressão. O grupo de controle ficou, como se esperava, numa posição média, quanto a resultados.

Este é um exemplo de amor à evidência num problema amplo, mas este amor à evidência se pode observar também, em aspectos mais particulares do ensino como a ineficiência do mesmo sem o uso de auxílios áudio-visuais ou a necessidade de participação do aluno em classe para que haja aprendizagem ou, ainda, a conseqüente modificação de atitude de que falar não é ensinar, ou seja, não é falando que o professor ensina.

— Poderia informar algo sobre a descentralização do ensino no sistema americano de Educação?

— Todos nós já sabemos que a educação americana é essencialmente descentralizada. Sabemos também que a educação nos Estados Unidos não é assunto nem negócio do Governo. Sabemos ainda que eles acreditam, enormemente, na iniciativa privada e que dão um enorme valor à liberdade de ensino. Assim sendo, o ensino não é apenas municipalizado, mas é principalmente, comunitário, ou seja, cada comunidade prevê e prevê

a educação de suas crianças. Essas organizações comunitárias incluem escolas primárias e secundárias. São organizações pequenas, digamos de dez escolas, e elas têm a seu encargo a direção técnica e administrativa da educação local, com um superintendente, conselho formado de cidadãos, supervisores, programas de pesquisas e experiências e treino em serviço. Aliás, nós em geral, não gostamos da palavra treino, talvez pudéssemos dizer melhor, aperfeiçoamento em serviço. Daí resulta como é de esperar, uma grande diversificação, tendo cada comunidade a qualidade e a quantidade de ensino que pode, por seu próprio desenvolvimento, sustentar; é claro que umas são melhores que as outras e que podem ser encontradas escolas e comunidades pobres. Mas haverá uma dissociação de idéias de educação? Não, não há. Há, pelo contrário, uma grande unidade de pensamento e de tendências. E isto se explica pelo espírito associativa do povo americano. A UEA, ou seja, "National Educational Association" realiza um trabalho notável neste sentido, através de seus vários departamentos e seções. Sendo uma associação de educadores de todos os níveis e de âmbito nacional, promove a união de esforços no sentido da educação do país. Além disso, há constantes encontros de educadores nos congressos promovidos, não só pela NEA, como pelas diversas associações profissionais. Todo o professor pertence, regularmente, a várias associações. Viaja por sua conta e comparece aos congressos anuais, recebendo por intermédio da associação e outras agências, publicações sobre sua especialidade. Existem também instituições oficiais e privadas que dirigem sistemas de publicações periódicas, bem como folhetos e distribuem esses veículos de união do pensamento a todo país e, muitas delas, também ao estrangeiro.

— Que aspectos dos congressos americanos considera mais interessantes?

— Os congressos em geral, quaisquer que sejam, apresentam como parte de seu programa uma exposição. Esta exposição é feita, geralmente, em um grande pavilhão, dividido em pequenas cabines, onde sociedades, associações e firmas comerciais expõem material didático e fazem demonstrações de como utilizar este material na escola ou na sala de aula.

Na exposição encontram-se as últimas publicações sobre qualquer assunto, uma vez que as editoras e livrarias expõem os seus produtos. E o mais interessante é que as firmas comerciais e sociedades pagam para tomar parte na exposição e isto é entendido como propaganda, uma vez que os professores, educadores e administradores de escolas são os compradores dos produtos das firmas que expõem. Dentre todos os congressos a que assisti o que apresentava exposição maior e mais completa foi o de Administradores Escolares, no pavilhão especialmente construído para grandes congressos, em Atlantic City, no mês de fevereiro. Lá pudemos ver as últimas inovações em material escolar. A maior parte do mobiliário, senão todo ele, é móvel. Tudo é deslocável, transportável, servindo no mais das vezes para múltiplos fins.

Material de propaganda é distribuído em larga escala e da exposição se pode sair, se se tiver paciência, com todos os últimos recursos e informações no campo da ciência da educação, da mais recente atualidade.

— Há alguma coisa de diferente na vida profissional do professor americano?

— Essencialmente não. Mas, há vários aspectos que diferem bastante do nosso. O professor americano con-

ta com uma riqueza de material de ensino, em sua sala de aula, que impressiona qualquer visitante. Há mesmo líderes da educação americana que dizem não existir razão para a escola não ser tão aparelhada quanto a lar americano. Ele recebe assistência material e técnica da Superintendência de Ensino a qual pertence, das associações profissionais às quais está ligado, bem como, de empresas e instituições particulares que de uma ou outra maneira estão relacionadas à Escola. O professor dedica-se séria e arduamente às suas tarefas diárias.

Terminado o seu dia de trabalho, é muito comum que ele frequente aulas na Universidade, à tardinha ou à noite, com o objetivo de se tornar mais eficiente e progredir na profissão. Há um mínimo de reuniões a que ele tem de comparecer e existem outras a que ele não é obrigado a ir, mas se espera que ele vá. Uma das reuniões obrigatórias em muitos lugares é a reunião periódica da Associação de Pais e Mestres e, algumas vezes, ele é convidado a falar nestas reuniões. Como se sabe, a vida profissional do professor americano tem nuances diferentes conforme o local em que ele trabalha. Assim, podemos encontrar professores com salários diferentes conforme o estado, a zona e a comunidade em que ele exerce suas funções. Devido a isso, frequentemente, os professores mudam de residência em busca de melhores salários. Este aspecto da vida americana vem sendo objeto de estudo, uma vez que ele traz uma mobilidade social que não é conveniente. Existem muitas comunidades que remuneram seus professores, de acordo com sua eficiência. Quer dizer, salários diferentes, conforme o rendimento de cada um.

me o rendimento de cada um. É crença de muitos que salários progressivamente mais elevados conduzem a maior eficiência. Há nessas localidades um salário mínimo para cada professor e critérios estabelecidos para avaliação de melhores rendimentos.

No bairro de Brentwood em Pittsburg existe uma ficha de avaliação do professor que inclui entre seus critérios: Personalidade, Preparação Técnica e Resultados alcançados junto aos alunos. Entretanto, este critério não é comum, nem difundido em escala significativa, se considerarmos o país como um todo.

Dizíamos que essencialmente o professor americano não odifere de nós, pois temos a mesma missão junto ao aluno e a mesma responsabilidade de fatores culturais que dinamizam e explicam um ae outra cultura.

— Depois de sua visita aos Estados Unidos, como sente a nossa realidade educacional?

— Sem dúvida, não alcançamos ainda um grau de desenvolvimento equivalente ao do povo americano.

Entretanto, nossa realidade não é tão desencorajadora assim. Existe no Brasil, atualmente, uma inquietação no que se refere a questões educacionais que promete ser muito fecunda. São muitos os que trabalham arduamente. Há entusiasmo e há progresso. Para nos convenceremos disto, basta olharmos para o número de escolas que existiam no Rio Grande do Sul há 30 anos atrás e comparar com o número de escolas e população

escolar que existem hoje, em todos os níveis e modalidades. Não devemos perder as proporções de nossa real situação mas, penso ser lícito que sejamos otimistas e nos lembremos de que o que realmente importa é participar de uma obra digna de nós e de nossa Pátria e de que quanto mais consciente for esta participação, mas úteis nós poderemos ser neste particular momento de expansão de nosso ensino e afirmação de padrões educacionais brasileiros. Pensamos que experiências estrangeiras podem ser inspiradoras. Mas, apenas inspiradoras. Os padrões brasileiros de ensino só poderão se tornar eficientes na medida em que eles se tornarem realmente brasileiros. Quer dizer, uma consequência das nossas experiências, das nossas pesquisas que, atendendo às nossas necessidades, vierem a servir à nossa realidade sócio-cultural.

— Desejaria acrescentar alguma coisa mais?

— Gostaríamos de agradecer à REVISTA DO ENSINO esta oportunidade de contar alguma coisa da nossa experiência. E gostaríamos, também, de congratulármô-nos com o magistério de nossa terra por termos tal revista, veículo de intercâmbio de idéias e divulgação de experiências. Num país onde a bibliografia é difícil e escassa, onde as agências de publicações e editoras estão longe de atender as necessidades, é com satisfação que vemos a REVISTA DO ENSINO realizar esta obra, imponderável em seus méritos, de levar ao professor uma mensagem de vigor profissional, uma palavra de entusiasmo pela vida, uma inspiração para melhores modos de realizar seu trabalho.

CANÇÃO DE NATAL

LUIZA G. CAMARA

Não sentes menino
A alegria das côres
O som de mil guizos
O perfume das flores?

Não sentes que a brisa
Te beija de manso
Que a árvore se agita
Num leve balanço?

Não sentes no peito
Intensa emoção
Que deixa desfeito
O teu coração?

Não sentes que deves
A fronte inclinar?
Como se estivesses
Perante um altar?

Menino, é Natal,
Escuta e obedece
A Deus lá do Céu
Envia uma prece.

Realizações da Secretaria de Educação e Cultura em 1959

Texto de **SERGIO W. TOCCHETTO**

A Secretaria de Educação e Cultura é, segundo as próprias palavras do Governador Leonel Brizola, uma das mais importantes da atual administração. Por este motivo "REVISTA DO ENSINO" apresenta este mês uma rápida entrevista com o dr. Mariano Beck, para uma apreciação do que foi feito em 1959, no setor de ensino, em todo o Rio Grande do Sul.

CRIAÇÃO DE SUB-SECRETARIAS

— A criação de três sub-secretarias, começou o dr. José Mariano Beck foi uma das medidas que, de início e agora, têm apresentado ótimos resultados. A do ensino primário (dr. Adib Salomão), a do ensino médio (professor Raul Cauduro), e a do ensino técnico (sr. Brusa Neto), facilitaram os trabalhos da Secretaria de Educação, com a grande vantagem, ainda, de desafogar sobremaneira o gabinete do Secretário, com a descentralização dos serviços, inclusive no que diz respeito ao atendimento das partes, que todos os dias numa média de 300 a 500 pessoas, procuram este setor da administração.

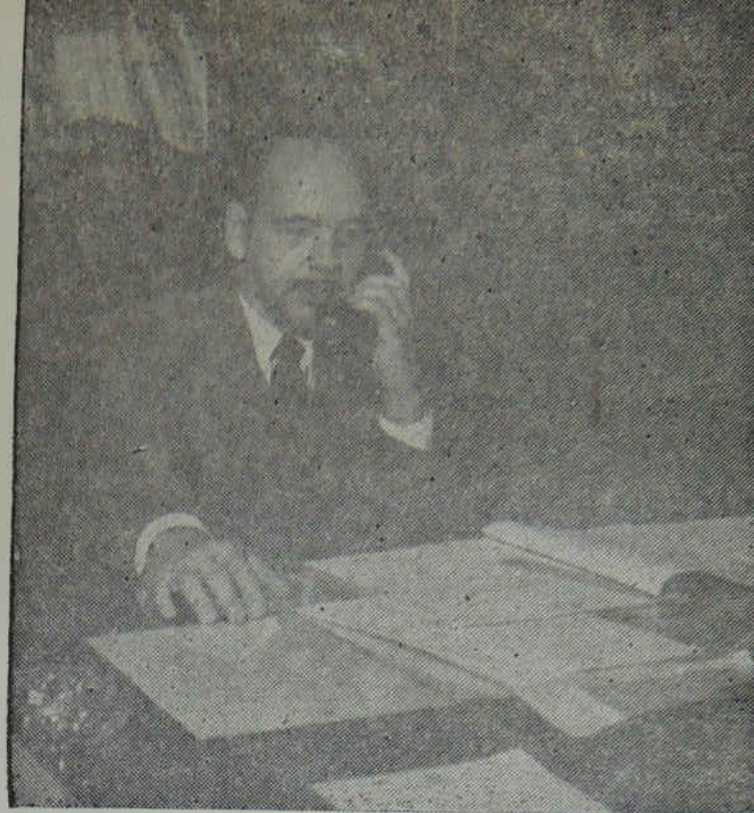
AS BÔLSAS DE ESTUDOS

— As bôlsas de estudos, responde o entrevistado a uma pergunta do reporter, conseguiram fazer com que milhares e milhares de crianças e jovens sem recursos pudessem estudar gratuitamente em localidades onde o Estado não possui estabelecimentos de ensino. Através de convênios firmados com dezenas de ginásios, colégios e conservatórios do interior do RGS, e principalmente com as matrículas gratuitas distribuídas este ano pelo plano de emergência elaborado em fevereiro, conseguimos colocar mais de 8.000 estudantes com a despesa de Cr\$ 130.000.000,00. E' de notar ainda, que estamos pagando os atrasados que encontramos! Muitos estabelecimentos nada recebiam desde 1955 e hoje em dia grande parte já obteve o que lhe é devido.

O ENSINO PRIMÁRIO

— O ensino primário e a alfabetização de adultos, continua o dr. Mariano, foram um dos pontos de maior importância de todo o programa do sr. Leonel Brizola. E' sua intenção não deixar nenhuma criança sem escola e alfabetizar o maior número possível de adultos, tanto das cidades como da zona rural, através de um novo processo que certamente vai revolucionar as campanhas e planos de alfabetização até agora executados.

Até o fim deste ano teremos contratado 5.000 professoras primárias contando neste número as di-



Dr. JOSÉ MARIANO BECK, Titular da Pasta

plomadas e as auxiliares de ensino. Aliás, a este respeito devemos dizer que a Secretaria de Educação, a fim de atender às escolas no interior dos municípios, está contratando, na falta de normalistas, pessoal docente apenas com curso ginásial. Estas professoras lecionam somente nos locais de difícil provimento ou onde a Secretaria não tenha conseguido suprir de outra forma as vagas existentes.

O govêrno criou a Comissão Estadual de Prédios Escolares que nos seus poucos meses de existência está fazendo muito, tanto na conservação como na conclusão de prédios. O plano de construção já está sendo executado e várias escolas da concorrência de construção de 1.000 prédios já estão em andamento. Pretendemos, com a CEPE, recuperar e restaurar todos os estabelecimentos que estiverem necessitando de reparos.

O ENSINO SECUNDÁRIO

— No setor do ensino médio, continuou o dr. Mariano, foram contratados mais ou menos 700 professores e encampados três estabelecimentos de ensino. Não pretendemos criar novos ginásios oficiais mas é propósito do govêrno deixar nestes quatro anos, cada município com um estabelecimento de ensino secundário. Para isso estamos estimulando a iniciativa privada e das administrações municipais. Pretendemos, isto sim, aparelhar devidamente a rede de estabelecimentos de ensino médio do Estado, hoje totalmente desprovida de quaisquer recursos.

NOVAS ESCOLAS NORMAIS

— Criamos novas escolas normais em Pôrto Alegre — adiantou o Secretário de Educação a uma pergunta do reporter. Uma delas está situada no Grupo Escolar Dom Diogo de Souza, no Passo D'Areia e a outra no bairro Cristo Redentor, aliás esta última uma escola experimental em núcleo operário, com

características próprias, segundo planejamento da Superintendência do Ensino Normal e do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais. Com mais estas escolas a capital do Estado contará com mais um milhão de vagas, face à existência do Instituto de Educação e da 1.º de Maio. O desenvolvimento do ensino normal é necessário em vista das necessidades do Rio Grande no que diz respeito à educação. Cada dia que passa, aumenta o número de crianças em idade escolar e se não providenciarmos de imediato na formação de novas professoras, em pouco tempo teremos o que está se verificando atualmente: falta de professoras primárias para alfabetização.

MAIS ESCOLAS TÉCNICAS

Mais adiante declara o dr. Mariano:

— O Estado necessita de novas escolas técnicas, dadas as exigências da vida moderna, que quer mais e mais técnicos. Estamos criando estabelecimentos para ambos os sexos e entabulando conversações para a aquisição da Casa do Pequeno Operário, que poderá abrigar mais de 1.000 alunos, em regime de internato e externato. A Escola Técnica Parobé estará pronta para o início do próximo ano letivo, na Avenida Beira Rio, podendo atender a 1.500 estudantes.

Além das novas escolas de ensino industrial e agrícola, faremos funcionar pela primeira vez no Estado cursos de formação pedagógica tanto regulares como intensivos, a fim de formar professores para o ensino técnico. O Rio Grande do Sul possui até agora apenas 14 escolas técnicas, criadas há vários anos e a grande maioria, ou senão a totalidade, totalmente desaparelhadas, ou já desatualizadas. Segundo o nosso plano, em 1962 teremos elevado este número para, no mínimo, 80.

NOVO PRÉDIO PARA A SEC

Uma grande vitória da atual administração foi a aquisição do novo prédio para a Secretaria de Educação e Cultura. Perguntado a este respeito, assim se manifestou o dr. Mariano:

Há muitos e muitos anos vimos nos batendo, desde o governo do General Ernesto Dornelles, para a aquisição ou construção de um prédio para a SEC. A Secretaria estava instalada em 19 edifícios, em 11 ruas diferentes, ocasionando enormes transtornos, tanto para os nossos próprios serviços quanto para as centenas de rio-grandenses que, todos os dias, procuram os órgãos da administração no setor educacional. Um prefeito do interior do Estado, por exemplo, que necessitasse de qualquer coisa na Secretaria de Educação, poderia perder uma semana percorrendo as seções, tão distanciadas estavam umas das outras.

Note-se, que o gabinete do Secretário estava situado no edifício Felix de Matos, a Diretoria Geral na Avenida Independência, a Sub-Secretaria do Ensino Técnico na Biblioteca Pública e o Serviço de Orientação e Educação Especial na rua Duque de Caxias. As comunicações do Secretário com seus auxiliares mais diretos, às vezes só podiam ser feitas por telefone, acarretando não pequenas dificuldades.

Agora, com a compra do edifício Lopes Dias, na Avenida Mauá, ficou resolvido o problema, pois os Departamentos que funcionavam em 19 prédios serão reunidos em um só.

ATIVIDADES DA DIVISÃO DE CULTURA

— A Divisão de Cultura é um dos órgãos mais importantes da Secretaria de Educação. No passado eram tão insignificantes suas verbas que seus funcionários, por maior boa vontade que tivessem, pouco poderiam fazer. Demos neste ano meios para uma atuação mais dinâmica, oferecendo novas oportunidades de trabalho, a fim de integrar melhor a população nas atividades artísticas. Não é necessário apenas ensinar a ler e a escrever: a Divisão de Cultura completa, por meio de todas as suas diretorias, o que aprendemos na escola e nos pode dar uma visão mais ampla da vida.

Foram criadas, continuou o dr. Mariano Beck, novas seções, como a do cine-móvel, que percorre os arrabaldes de Pôrto Alegre projetando filmes educativos de curta duração, foram instaladas biblio-móveis e novas bibliotecas infantis e ampliado o horário da Biblioteca Pública do Estado. A Divisão está, também, patrocinando excursões de artistas pelo interior do Rio Grande do Sul além de comprar espetáculos teatrais em Pôrto Alegre e fornecer gratuitamente ingressos aos interessados. Está, deste modo, cooperando para o fortalecimento do bom teatro e tornando-o acessível às classes menos favorecidas.

RUAS DE RECREIO

Antes de encerrar esta pequena entrevista com o Secretário de Educação e Cultura, o reporter indagou da repercussão que estava tendo, nos meios governamentais e no meio da população, a idéia das "ruas de recreio":

— A melhor possível, tanto entre o governo e os técnicos da SEC como entre o povo de nossa cidade. As "ruas de recreio" tem por objetivo dar diversão sadia às crianças, assessoradas pela Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional. Serão fechadas certas ruas ou quadras e durante o dia, enquanto não estão nas escolas as crianças poderão jogar futebol, vôlei, croquet, xadrez. Os rapazes em idade de 15, 16 anos terão com que se distrair, com um divertimento sadio que, além do mais é educativo. As crianças terão ocupação para as horas de lazer e durante a semana, domingos e feriados, poderão aproveitar muito, sob os cuidados dos técnicos da SEFAE, alunos da Escola Superior de Educação Física e normalistas. Também as meninas participarão das "ruas de recreio", com danças folclóricas, bordados e jogos próprios para moças. Firms particulares de nossa cidade vão colaborar e a própria população foi quem solicitou a instalação das "ruas" nos diversos arrabaldes.

PARA O ANO, MUITO MAIS AINDA

— Dando seguimento ao plano educacional do Governo do Estado, a Secretaria de Educação e Cultura, concluiu o dr. José Mariano Beck, vai tomar novas iniciativas, para tanto, contando sempre com a boa vontade do funcionalismo, do magistério e da população do Rio Grande do Sul.

Desenvolvimento da Criança de Escola Primária

A PERSONALIDADE BEM DESENVOLVIDA

"Vivir es crecer ilimitadamente; cada vida es un ensayo de expansion hasta el infinito. El limite no es impuesto; es una resistencia que nos opone otra vida que, a nuestro lado, y incitada por analogia energia ensaya su acaparamiento del universo."

Ortega y Gasset

JURACY C. MARQUES

do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da S.E.C. — R. G. Sul

7.º e último de uma série

Na série de considerações que fizemos sob o título geral: "Desenvolvimento da criança de Escola Primária", tivemos a preocupação de ressaltar as características de comportamento da criança, fazendo ensaios de aproximação no sentido de melhor atedê-la e orientá-la para o pleno desenvolvimento de sua personalidade. Tomamos diversas áreas de desenvolvimento: físico, motor, lingüístico, mental, social, emocional, sexual, moral, religioso, de interesses, de auto-expressão. Neste artigo final, desejamos comentar aspectos e reações típicas de uma personalidade bem desenvolvida. Considerando que a intencionalidade como meta a atingir é uma condição presente de toda realização humana, parece-nos sumamente importante tentar esclarecer que padrões de comportamento desejamos alcançar. Devemos ter presente ainda, mais uma vez, a totalidade e unicidade da personalidade e fazer as aproximações de sua compreensão, dentro do dinamismo que a caracteriza.

Nós tendemos para a realização de nós mesmos. Todo nosso ser é uma busca contínua de perfeição, é uma busca do bem, do melhor. Os embates da vida, as vicissitudes, as frustrações, os traumatismos deixam-nos um sabor amargo de infidelidade à nossa missão e ao nosso destino. Surge o sentimento de insuficiência. Aparece a depressão, há um corte no nosso "elan" vital, a auto-estima é ameaçada. Ainda assim resurgem forças, dentro da interioridade tensa e dinâmica do indivíduo e ele procura, sempre, compensar os seus fracassos. A mais desejada experiência do homem é aumentar sua auto-estima.

Uma personalidade adulta, integrada, bem desenvolvida apresenta as seguintes características: 1) é equilibrada e tem estabilidade emocional. Não se perturba facilmente. Encara os situações emocionalmente difíceis sem se comprometer totalmente. Participa dos problemas alheios com solidariedade e despreendimento, mas não incorpora aquela situação problemática em sua própria problemática pessoal. 2) É bem desenvolvida nas diversas áreas (citadas acima) de comportamento. É integrada. Não tem dissonâncias entre aspectos de seu desenvolvimento. Apresenta-se como um todo harmonioso. Tem experiências ricas e variadas, mas convenientemente assimiladas, de modo que não vive tensões e frustrações ameaçadoras. Assim sendo é capaz de expressar com autenticidade e adequação. 3) Possui uma hierarquia de valores e tem consciência disso. Essa hierarquia de valores é harmoniosa com a adoção de uma filosofia de vida compatível com a cultura. Sabe distinguir o mais, do menos importante e rege sua vida por normas éticas. 4) Resolveu os seus problemas vocacionais e profissionais. Sabe desfrutar das alegrias do trabalho e utilizar suas energia pessoais de uma forma saudável, na consecução de suas tarefas quotidianas. 5) Formou uma atitude e tomou uma posição em face do amor (sexo). Atribui a este aspecto da vida o seu justo valor. Não estabelece relações defeituosas de dependência ou domínio, com o sexo oposto. A experiência lhe mostrou que amor é conhecimento da pessoa amada, ternura, respeito e responsabilidade. Que o casamento envolve doação e exige altruísmo. 6) É intencional e consciente em suas atitudes. Não se deixa levar ao sabor das circunstâncias. Sabe tomar parte, inteligentemente, no curso dos acontecimentos. Sabe escolher, selecionar, refletir e compreender as inter-

relações sócio-culturais, colocando-se no lugar que lhe cabe por direito, sem pretender muito e sem se subestimar. 7) Acelta suas possibilidades e limitações, sem sofrimento. Não se angustia com suas franquezas. Aprendeu a viver consigo mesma. Sabe que embora o ser humano tenda para a perfeição, todo o ser, enquanto humano, será contingente, limitado, problematizado, insuficiente. Aprendeu a compreender que a paisagem humana é uma paisagem de súplica, pedindo em todos os momentos, épocas ou lugares uma vida melhor, mais feliz.

Essas características que destacamos e que consideramos fundamentais, envolvem todas elas, a nosso ver, aquela capacidade que se reveste de uma significação extraordinária, de poder ver as coisas como elas são, no intrincado de suas interrelações específicas, sem confundi-las com o mundo da nossa fantasia ou subjetividade. Viver e sentir sem tensões desorientadoras que ameaçam a nossa integridade pessoal e emocional. Aquela habilidade que tem o ser humano de refazer e organizar o campo confuso com o qual se defronta, compreendendo inteligentemente a relação potencial que os vários fatores têm entre si e adotando, finalmente, a forma de conduta mais adequada a suas finalidades últimas. Daí uma decorrência fundamental: a personalidade bem desenvolvida estabelece boas relações humanas, não tem atitudes de desconfiança em relação aos outros ou a si mesma.

A personalidade bem desenvolvida será então a personalidade madura, aquela personalidade que atingiu um conveniente grau de integração. Entretanto, ao falarmos de personalidade bem desenvolvida queremos frisar que este bom desenvolvimento é, apenas, um critério para avaliarmos a prospecção e a marcha de nossa conduta. Sabemos e aceitamos que a personalidade se desenvolve do nascimento à morte. O indivíduo, através de suas experiências contínuas, modifica continuamente suas maneiras de pensar, agir e sentir. Em sua relação com o seu mundo, ele vai constantemente ampliando seu mundo pessoal, enriquecendo-o de maiores e mais variadas forças. E neste processo de integração, através do processo de simbolização, ele vai incorporando objetos carregados de novas significações e valências. Na medida em que esta assimilação se verifica sua conduta vai se diferenciando, tornando-se mais precisa e coerente, menos vacilante e aglomerada.

Outro aspecto do dinamismo, que limita as possibilidades de reações maduras e equilibradas, é a contingência, dinamismo e limitação da própria vida. As circunstâncias que cada um vive o levam, no exercício das forças pessoais que o animam, a momentos de grande heroísmo, de plena humanidade, de realização de si mesmo na consecução de seus ideais mais caros. Mas, por outro lado, as mesmas circunstâncias podem jogar o homem de repente num abandono, numa renúncia de realização e ele regride, deixa de ser equilibrado, deixa de ser maduro, volta a reaprender as lições da vida.

Feitas essas considerações, podemos ainda falar de personalidade bem desenvolvida? Evidente que sim. Não serão as reações esporádicas que hão de nos dar os recursos para dizer da maturidade de uma personalidade. A frequência de atitudes maduras ou imaturas, a frequência de reações equilibradas ou desajustadas, frequência dos estados de ansiedade ou

librio emocional, a maneira como o indivíduo vive toda problemática, são dados pelos quais podemos nos aproximar avaliação do seu grau de desenvolvimento, de maturidade e, em consequência, da própria normalidade.

A personalidade em seus desenvolvimentos é assunto da mais decisiva importância para a compreensão do indivíduo. Não é muito o que os estudiosos podem, com certeza, afirmar dentre o intrincado desses problemas. Não é muito menos, o que nos foi possível dizer, baseados em nossos estudos, observações e experiências. Nossa intenção foi levar aos nossos leitores, os educadores que, orientando personalidades, estão sempre ansiosos de se reencontrar em novos e melhores caminhos de compreensão, um estímulo para a reflexão, o estudo e, talvez, para uma ação mais segura. Que nós, os professores, possamos mostra por nossas atitudes e nossas vidas, que atingimos os padrões de uma personalidade bem desenvolvida, é o que o alunos esperam e desejam de nós. E nós também, no mais íntimo de nós mesmos.

BIBLIOGRAFIA

1. — BUHLER, Charlotte — El niño y su familia, Paidós, Buenos Aires, 1952.
2. — CHITTENDEN, G. E. — Living with children, Macmillan Company, New York, 1944.
3. — DELACROIX e outros — Psicología del lenguaje, Paidós Buenos Aires, 1952.
4. — DEWEY, John — Como pensamos, Trad. Portuguesa, São Paulo, 1953.
5. — GESELL, Arnold — The first five years of life, Harper Brothers Publishers, New York, 1940.
6. — GESELL, Arnold and ILG, Frances — Infant and child in the Culture of Today, Harper and Brothers, New York, 1943.
7. — GESELL, Arnold and JLG, Frances — The child from five to ten, Harper Brothers Publishers, New York, 1946.
8. — HILDRETH, Gertrude H. — Child Growth Through Education Ronald Press Co., New York, 1948.
9. — HORNEY, Karin — Personalidad neurotica de nuestro tiempo, Paidós, Buenos Aires, 1954.
10. — JERSILD, Arthur T and others — Child Development and the curriculum, Teachers College, Columbia University, New York, 1946.
11. — MURCHISON, Karl — Manual de Psicología del Niño, Ed. Selx, Barcelona, 1953.
12. — MURSELL, James L. — Education for musical growth, Grim and Co, Boston, 1948.
13. — MURSELL, James L. Developmental Teaching, McGraw Hill, New York, 1949.
14. — PIAGET, Jean — Psicología de la Inteligencia, Paidós, Buenos Aires, 1954.
15. — RAMOS, Arthur — A criança problema, Ed. Nacional, Rio, 1939.
16. — STRANG, Ruth — An Introduction to Child Study, Macmillan Co. New York, 1938.

NOTA — Em nossos estudos, valemo-nos ainda de muitos dos bons artigos incluídos na valiosa publicação, em 15 volumes, da Editora Delta: O Mundo da Criança.

Relações Família-Escola

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

(Segundo de uma série)

Cecília Torreão Stramandinoli — D. Federal

Nos tempos atuais, a Escola tem sua responsabilidade aumentada pelas dificuldades da Família, que vem diminuindo a sua função educativa normal e eficiente, prejudicada por mudanças e transformações sociais sem conta. As contingências e modificações das condições de vida, a desintegração do lar, as influências sociais de após guerra, e a intensificação da educação assistemática pelo rádio, o cinema, a leitura, a televisão etc. vêm tornando cada vez mais penosa a tarefa da Família, de molde a exigir da Escola a ampliação dos limites da educação sistemática para suprir as deficiências do lar.

MOVIMENTOS QUE IMPULSIONARAM A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

O progresso da psicologia e da sociologia, as conquistas da didática moderna a impor transformações nos sistemas educativos, focalizam a importância do conhecimento do educando para a aprendizagem, tomando na devida conta as suas características individuais e condições sociais. "Cada indivíduo é um indivíduo" com suas características próprias. Cada aluno merece uma atenção especial no grupo da escola; os alunos não podem ser encarados como aglomerados, verdadeiras massas em que o educando perde a expressão: devem eles, ao contrário, receber tratamento individualizado, para um resultado mais eficiente. A educação sistemática exigia, portanto, revisão no planejamento do processo educativo, para inclusão de novas tarefas que favorecessem o desenvolvimento do educando. Daí a Orientação Educacional.

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL

No Brasil, a Orientação Educacional foi oficializada em 1942, pela reforma Capanema, cujo mérito maior foi, sem dúvida, o de ter introduzido essa tarefa educativa

em nosso ensino secundário, muito embora ela já existisse em movimentos pioneiros, desde 1934, como o iniciado por ARACY MUNIZ FREIRE, em escola da Prefeitura do Distrito Federal.

A difusão da Orientação Educacional em nosso meio tem encontrado, é certo, alguns obstáculos, como o número até hoje insuficiente de pessoal especializado, bem como certa incompreensão de parte de elementos da comunidade escolar, quanto ao valor real dessa atividade específica.

Muito tem contribuído, é verdade também, na remoção desses obstáculos, a Diretoria do Ensino Secundário do M.E.C., através da C.A.D.E.S., promovendo, entre outras coisas, estudos sérios dos princípios e técnicas da Orientação Educacional, em Simpósios, Seminários, Mesas-Redondas, que, por sinal, têm reunido educadores dos mais credenciados de todo o país. Vem ela organizando, por outro lado, jornadas de Diretores, e para melhor divulgação dessa atividade educativa tem-se servido de palestras em rádio, publicações diversas, Semanas de Orientação Educacional etc., já realizadas em vários Estados e em número deveras expressivo. Com a portaria n.º 105, de 12 de março de 1958, do M.E.C., que regulamentou o exercício das funções de Orientador Educacional, e com os vários cursos de formação de Orientadores pela Faculdade de Filosofia, ganha terreno, inegavelmente, a Orientação Educacional no Brasil.

NECESSIDADE DE DESENVOLVER A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NAS ESCOLAS DO BRASIL

Pela própria conceituação de Orientação Educacional — "ação sistemática, em bases científicas, que visa assistir o aluno no desenvolvimento integral de sua personalidade e em seu ajustamento pessoal e social" — é

óbvia a necessidade de Orientação Educacional nas escolas do Brasil, qualquer que seja o nível de ensino. Esse auxílio especial, prestado ao educando para torná-lo pessoalmente feliz e socialmente útil, deve começar na escola primária e estender-se a todos os graus de ensino, mas torna-se imprescindível na escola secundária, pois é na adolescência que tem o educando maior necessidade de assistência psico-pedagógica. É nessa etapa da vida que a Orientação Educacional alcança o seu mais alto significado pela eficácia da ação educativa do mais amadurecido, do mais experimentado sobre o educando inseguro, que precisa resolver seu papel social, escolher seu caminho profissional, ao mesmo tempo em que sofre a instabilidade dessa fase evolutiva.

Compreende-se o aluno adolescente investigando o seu passado, a sua infância e todos os influxos que atingiram o desenvolvimento de sua personalidade. Os educadores conscientes de sua responsabilidade, voltam-se para a criança, interessados em compreendê-la, conhecendo o valor da infância para a compreensão da adolescência e da própria vida do adulto.

A Orientação Educacional deve ser iniciada desde cedo, para ser mais proveitosa, já que as experiências da infância vão influir, posteriormente, no comportamento dos adolescentes. Variam seus objetivos específicos, seu planejamento, atividades de métodos e técnicas, segundo é desenvolvida em escola primária, secundária ou superior.

CARÁTER SOCIAL DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Orientar é, em essência, uma função social que visa a adaptação do educando aos diversos grupos em que vive, o que exige trabalho de equipe, onde se destaca o orientador, o qual, no desempenho de seu trabalho, precisa assegurar a cooperação de todos os elementos da comunidade escolar.

O êxito dessa tarefa, que virá, fatalmente, valorizar a atuação de nossas escolas, está ligado a determinadas condições conseguidas tão só pela ação conjunta das forças educativas que atuam no desenvolvimento do educando.

CONDIÇÕES QUE FAVORECEM O ÊXITO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

- A) **Conhecimento do Aluno** — (Personalidade, antecedentes escolares e psicológicos, psicodinâmica familiar, valores, filosofia da família etc.);
- B) **Unidade de Orientação** — (Unidade de pontos de vista, união de esforços entre os educadores do meio escolar e a família do aluno);
- C) **Criação de atmosfera favorável aos propósitos da Orientação Educacional** —
Essas condições são obtidas pelo entrosamento do Orientador com os elementos da Escola, da Família, da Sociedade, através de oportunidades que tornem conhecidos os altos objetivos da Orientação Educacional.

ARTICULAÇÃO COM A FAMÍLIA

As relações Família-Escola serão mais eficientes se a Família acreditar na Orientação Educacional e se a Orientação Educacional respeitar o lugar que compete à Família na educação dos filhos. A figura do Orientador, entre suas múltiplas atribuições, será a de um elemento de aproximação entre a Família e a Escola, tornando-se aliado da Família do aluno, procurando angariar-lhe simpatia e despertando interesse da Família pela vida da Escola.

MEDIDAS QUE FACILITAM A TAREFA DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

- 1) Promover encontros com a família dos alunos, explicando com clareza a finalidade da Orientação Educacional, que procura dar ao educando a assistência que ele nem sempre pode receber diretamente do professor;
- 2) Procurar apresentar a família ao Diretor e aos membros da administração, propiciando oportunidade para que conversem com os professores, e mutuamente se informem sobre planos de estudo, problemas dos filhos etc.;
- 3) Estimular as Associações de Pais e Professores, os Círculos de Pais, a organização de palestras,

folhetos elucidativos, Grupos de Discussão etc. A iniciativa deve sempre partir da Escola e, em casos de desajustamento ou de déficit de rendimento, os contatos com a família do aluno devem ser urgentes, para união de esforços.

ATUAÇÃO COM OS ALUNOS

A orientação educacional deve, em sua ação profilática, atingir cada aluno e estender-se ao maior número de alunos da escola. Deve o Orientador esforçar-se para criar clima de solidariedade, compreensão e calor humano que favorecerão a profilaxia de desajustamentos. Para isso, torna-se necessário que a permanência do Orientador seja sentida na Escola, que ele passe a sentir a vida dos alunos, e se torne elemento favorável ao bem-estar dos mesmos. Pode, em sua atuação, usar técnica individual ou de grupo, mas terá sempre tempo livre para atender, ouvir com simpatia, paciência e compreensão, cada aluno que o procure. O aluno, em relação ao Orientador, deve considerá-lo como amigo a quem pode recorrer em qualquer situação difícil, mesmo quando tenha agido mal.

Nessas relações humanas deve, acima de tudo, ganhar a confiança, a admiração, o respeito do educando, usando todo o seu prestígio para promover-lhe o desenvolvimento do senso de responsabilidade, favorecendo a marcha para a autonomia conscienciosa, levando os alunos a encontrar melhores soluções para os seus problemas, a decidirem por si mesmos e a reconhecerem o valor de suas próprias decisões.

DESAJUSTAMENTOS DOS ESCOLARES

Desajustamento significa deficiência de integração do indivíduo em seu ambiente, situação de conflito entre o indivíduo e o grupo ou grupos em que vive. O indivíduo passa a ter uma conduta diferente da da maioria considerada ajustada. Há desajustamentos que podem ser afastados com um simples apóio ou um pouco de compreensão, com a mudança de hábitos ou a prática de princípios de higiene mental, com o afastamento temporário do ambiente ou um regime alimentar adequado. Outros, no entanto, expressam dificuldades mais sérias, que podem levar a uma marginalidade de conduta, a exigir diagnóstico precoce e assistência psicológica e médica.

DESAJUSTAMENTOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Na Escola os desajustamentos têm várias formas de expressão e podem aparecer na esfera do rendimento escolar (falta de atenção e interesse, fraca assimilação, queda brusca de rendimento etc.); na esfera da saúde física ou psíquica (nervosismo, mutismo, depressão, falta de apetite etc.) e na esfera das relações sociais (mentira, agressão, furtos, indisciplina etc.). Dada a unidade funcional do ser humano, um conflito afetivo profundo reflete-se no rendimento escolar e, inversamente, o fracasso escolar, o baixo rendimento, vão ter influência nas reações afetivas do educando. Quantas e profundas angústias são mascaradas sob a aparência de insensibilidade diante de frustrações escolares! Quase sempre as dificuldades do escolar se superpõem, ou melhor, o escasso progresso na escola pode estar vinculado a questões de saúde, a problemas afetivos mal resolvidos. De fato, grande parte dos desajustamentos na vida escolar são reflexos de conflitos graves na família, que reverberam tôdas as situações sociais. Há, entretanto, crianças julgadas cheias de defeitos pela família e que, todavia, não são considerados escolares difíceis, pois encontram na Escola um refúgio, onde se compensam e tratam de esquecer seus problemas do lar. Mas o inverso também acontece, o que nos leva a acentuar que há desajustamentos que não ultrapassam o âmbito da Escola, causados exclusivamente por fricções da vida escolar, embora os que envolvem outras causas remotas ou motivos externos, sejam os mais frequentes.

CAUSAS DE DESAJUSTAMENTOS

Podem ser intrínsecas, ligadas ao indivíduo, como causas orgânicas, mentais, sensoriais etc., e extrínsecas ou ambientais (familiares, escolares etc.).

Examinaremos hoje algumas causas do ambiente familiar e escolar que podem determinar desajustamentos. Para um desenvolvimento normal o ser humano precisa encontrar, na família, clima de segurança, estabele-

PÁGINAS INDISPONÍVEIS